



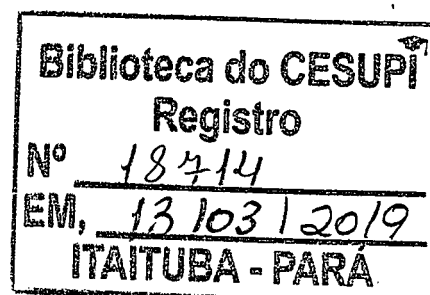
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DONATO SAW MUNDURUKU

**FÁBULA MUNDURUKU: desafios de reconhecimento como gênero
legítimo em prol de ensino e aprendizagem**

400
M965f

Itaituba – PA
2018



DONATO SAW MUNDURUKU

**FÁBULA MUNDURUKU: desafios de reconhecimento como gênero
legítimo em prol de ensino e aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato
Paes.

Itaituba – PA

2018

DONATO SAW MUNDURUKU

TÍTULO: FÁBULA MUNDURUKU: desafios de reconhecimento como gênero legítimo em prol de ensino e aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Esp Maria Danielle Lobato
Paes.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista

Orientadora: _____ Nota: _____

Maria Danielle Lobato Paes, Especialista

Avaliadora: _____ Nota: _____

Raquel Batista Silva, Especialista

Resultado: _____ Média _____

09 de fevereiro de 2018

A minha família que sempre esteve
ao meu lado, e à escola Borõ Muyaṭpu na
Aldeia Caroçal (Rio das Tropas)

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, porque sempre esteve me amparando e dando a mão, mesmo na hora em que muitos não acreditam em mim.

À minha mãe, meus irmãos, em especial à minha esposa e meus filhos que me deram tantas forças na hora das dificuldades.

À comunidade aldeia Caroçal (Rio das Tropas), e à escola Borõ Muyatpu por ter me acolhido e dado a chance de eu trabalhar e me ensinado sobre vários tipos de experiências.

Aos meus colegas de classes. Ao Honesio, que sempre esteve ao meu lado me dando forças e coragem.

Aos professores e geral, em especial à professora Danielle pelas sábias orientações e por ter acreditado na minha pessoa, mesmo no momento das dificuldades.

Enfim, obrigados, a você, que de alguma forma contribuiu para minha sonhada formação. OBRIGADO!

*Apesar de fantasiosa, a narrativa
revela alguma consciência acerca da
realidade...*

(Gessiane L. Picanço)

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta que vem abordar como temática a importância do gênero fábula na cultura mundurukú e, em especial, dentro do contexto da Educação Escolar Indígena, sendo que, a maioria das vezes, esse tipo de narração tradicional não é vista como importante para o ensino e aprendizagem das crianças munduruku, embora que seus aspectos pedagógicos e moralista não a diferencia das outras fábulas convencionais. Assim, esta pesquisa, como preliminar será elaborada bibliograficamente, relacionando os postulados de diversos autores que reiteram sobre a importância de fábulas para a educação. Nesse sentido, são verificados os postulados de especialistas da Educação, as legislações educacionais, tanto LDB como a legislação educacional para o povo indígena, como resolução de nº 5/2012, além de colocações de teóricos. Por fim, também foi verificado os relatos antigos e atuais sobre a cultura tradicional do povo munduruku, a fim de que posteriormente, possa ser concluída se de fato a fábula munduruku, pode ser utilizada como instrumento pedagógico eficiente para aprendizagem da escrita, da leitura como também, aprendizagem referente a oralidade, argumentação dentro da escola Borõ Muyatpu. Porém, este trabalho, não tem finalidade de ser executado nesta escola, uma vez que, a intenção primordial é apresentar como seria viável trabalhar com gêneros textuais (fábula) na educação escolar Munduruku.

Palavras-chave: Fábula Munduruku. Aprendizagem. Leitura.

ABSTRACT

The present work is a proposal that addresses as a topic the importance of the fable genre in the Munduruku culture, and especially within the context of Indian School Education, and, most of the time, this type of traditional narration is not seen as important for the teaching and learning of munduruku children, although their pedagogical and moralistic aspects do not differentiate it from other conventional fables. Thus, this preliminary research will be elaborated bibliographically, relating the postulates of several authors that reiterate on the importance of fables for education. In this sense, the postulates of education specialists, educational legalizations, both LDB, and educational legislation for the indigenas, will be verified, as resolution no. 5/2012, in addition to theoretical positions, and also the stories will be verified ancient and current on the traditional culture of the munduruku people, so that later can be completed, if indeed the fable munduruku can be used as an efficient pedagogical tool for learning writing, reading and learning referring to orality, argumentation inside the Borõ Muyatpu school. However, this work has no purpose of being executed in this school, since, the intention is primordial to present how it would be feasible to work with genres of text (fable) in the school education Munduruku.

Keywords: Fable Munduruku. Learning. Reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 ORIGEM DA FÁBULA.....	11
2.2 ASPECTO NARRATIVO E ESTRUTURAL DA FÁBULA..	14
2.3 ASPECTO PEDAGÓGICO DA FÁBULA E O PCN.	17
2.4 RECOMENDAÇÕES DE PCN SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS.....	19
2.5 DIRETRIZES EDUCACIONAIS E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.	21
2.6 HISTÓRIAS NARRATIVAS MUNDURUKU.....	23
2.6.1 Características da Fábula Munduruku.....	27
2.6.2 Exemplos da Fábula Munduruku	30
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	35
3.1 ASPECTO METODOLÓGICO DA PESQUISA ...	35
3.2 DESCRIÇÃO DA ESCOLA BORO MUYATPU	37
4 RESULTADO DA PESQUISA	40
4.1 PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA FÁBULA MUNDURUKU	40
4.2 sugestão de reconto, reescrita e organização de miniacervo de fábulas munduruku	43
5 CONCLUSÃO	46
REFERENCIAS	47
APÊNDICES/ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

Na cultura narrativa munduruku, existem uma grande variedade de gêneros narrativos, que assim como de outras sociedades civilizada e letradas, possuem finalidades e funções específicas, além, de que servem para contar suas histórias que autora havia.

No entanto, a grande problemática, é que eles próprios, ainda não tiveram conscientização acerca da importância desses gêneros, ou seja, os munduruku, entendem por gêneros narrativos, como meramente "histórias" qualquer, e não como fatos históricos ou estóricos que tem a vê com a realidade.

Para sair, desse desconhecimento, é interessante que os próprios façam uma análise no que diz respeito à importância desses gêneros, considerando explicitamente todas as histórias deste povo apresenta suas vidas próprias de diferentes épocas, visões e costumes, desse modo, é importante que seja feito este tipo de trabalho, de cunho primeiramente bibliográfico, a fim de que, posteriormente, após de ser constatado de que tanto as culturas letradas e culturas ágrafas possuem suas fábulas que lhes servem como ensinamento, os munduruku também precisam valorizar e valorar, seus gêneros narrativos, e nada melhor comprovar isso por meio de pesquisas bibliográficas.

Visando esta importância a respeito disso, a presente pesquisa, se organizou da seguinte forma. Na segunda seção, vem abordar sobre teoria de fábulas convencionais, na terceira, sobre histórias narrativas do povo munduruku, na quarta referente ao aspecto metodológico da pesquisa, por fim, na quinta, sobre como seria feito a fim de induzir para que as fábulas sejam reconhecidas como gêneros legítimos e capaz de se tornarem como instrumento pedagógico, tais, como, reconto, reescrita, e organização de miniacervo das fábulas munduruku.

Para tanto, este trabalho, nesta primeira etapa, não será aplicado na referida escola, o que fundamenta na relação desta escola, é que nesta unidade escolar, há preocupação por parte dos professores indígenas munduruku, de que as crianças perdem sua identidade cultural, na medida em que não são ensinadas sobre os valores de cultura, e a fábula nesse sentido, segundo os professores se encaixam muito bem, assim, se tornando primordial na temática deste trabalho.

Esses desafios que implicam na aprendizagem dos alunos, uma vez que, apresentam, dificuldades em aprender, nas aulas dadas em língua portuguesa

enquanto que não possuem mais afinidades, porém a modalidade não oferece metodologicamente os recursos pedagógicos capaz de causar efeito no sentido de proporcionar no aluno o desenvolvimento da leitura, escrita e competência linguística pela educação nacional. Nesse sentido, os professores “brancos” têm dificuldades em lidar com ensino e aprendizagem dos alunos, porque sua relação linguística é limitada, isto é, não capaz de ensinar além do que é permitido é o caso que não utiliza a Língua munduruku, então é o “razoável” que ensina “básico” dos básicos. Já que os professores indígenas são inversamente do primeiro, porque no que tange ao seu conhecimento cultural e linguístico possuem maior conhecimentos de forma suficientes, principalmente no que diz respeito utilização de histórias, literaturas, contos tradicionais e “fábulas como forte veículo de complemento no processo de aplicação pedagógica durante o Ensino Fundamental” (FERREIRA, Alves e BORA 2014, P.2).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ORIGEM DA FÁBULA

Desde o tempo mais remoto da humanidade, a fábula sempre estivera presente na transmissão de conhecimento, crenças e juízo de valores às gerações das sociedades de variadas culturas e étnicas. Pelo que se sabe, nos primeiros momentos, este gênero era contada oralmente, sendo que, ainda não havia sido universalizada a escrita.

Neste sentido, a fábula, é considerada como o legado típico da sociedade ágrafa, Martins (2013, p. 6) pela condição que surgiu na tradição oral, isto é, pelo fato de surgir na época em que não havia o domínio da escrita, muitos pensam que somente sociedades que não usam a escrita, costuma utilizar fábula.

É engano tirar conclusão dessa forma, pois, como dito, sua origem remonta o longínquo do tempo, a saber, desde os primeiros gregos. Nesta mesma época, sua utilização, embora na versão oral, tinha algum objetivo específico, ora para explicitar o histórico das sociedades primárias, ora para ensinar valores destas, frente ao mundo, em que essas gerações estiveram convivendo.

Por esse ponto de vista, a fábula com sua praticidade e flexibilidade quanto ao conteúdo, o qual se queira tematizar, não era usada de uma forma aleatória. Os sábios da civilização antiga, ao contar uma fábula, tinham alguma pretensão, e essa geralmente, era baseada em ensinamento de princípios de moralização, quanto elemento constituinte dos valores culturais, religiosos e políticos, sendo que, em sua totalidade, como gênero mais comum entre as sociedades humanas de todas as gerações.

De acordo com Ferreira (1986), a fábula significa, como alguns dos conceitos, "historieta de ficção, de cunho popular ou artístico"; "narração breve, de caráter alegórico, em verso ou em prosa, destina a ilustrar um preceito...", segundo o mesmo menciona, este termo advém do latim.

Neste sentido, Bagno (2006), reitera que fábula, deriva do verbo "*fabulaire*" que quer dizer: conversar, narrar com a finalidade de ensinar, concatenada com as formas de ensinamento, de aprendizagem e memorização dos valores morais de determinado grupo social.

Quanto sua origem, o que se tem noção, é que desde os séculos VII e VI a.C, houve muitos autores que já utilizaram a fábula, dentre os mais famosos pode-se citar, como: Esopo, na Grécia Antiga, Fedro, posterior a este, e mais tarde, especificamente no XVIII, o francês Jean de La Fontaine, isso indica que antes destes já existia fábulas em outros hemisférios, conforme comenta Martins (2013):

As fábulas pertencem ao grupo de histórias criadas pela tradição oral juntamente com os contos de fadas, as lendas e os mitos. Elas são um tipo de narrativa que se caracterizam pela estrutura simples, são pequenas histórias que têm a intenção de transmitir "lição de moral", ou seja, refletir sobre concepções de viver [...]

A origem da fábula é oriental e muitas foram encontradas no Egito antigo e na Índia, mas ficaram conhecidas no Ocidente graças, principalmente, a fontes gregas, em especial a de Esopo, escravo que teria vivido no século V a.C. (MARTINS, 2013, p. 6).

É claro que nesse trajeto, como muitos gêneros narrativos oralizados, a fábula perdera muitos de seus aspectos originais, isso no sentido de que, já havia muito antes de Fontaine, algumas fábulas com determinados "títulos", como no caso de criações de Esopo, então, à medida que o tempo foi passando essas criações tiveram algumas mudanças, tanto no sentido de tema, quanto no sentido de valores pretendidos, nesse contexto, alguns estudiosos afirmam que, até na estrutura houve algumas mudanças, no decorrer do tempo.

Esopo apresentava suas fábulas de forma sintética, em prosa e destacava a moral e o ensinamento. La Fontaine reelaborando as fábulas clássicas deu-lhes características literárias próprias da poesia: rimas, detalhamento das personagens em relação às suas características. Mesmo se preocupando com a estética (a beleza) do texto, La Fontaine tinha uma preocupação maior com moral da história tendo um valor mais crítico (NEVES; TIUMAN, 2012, p.9).

Suponha-se que nos primórdios, a fábula não tinha o aspecto que costumamente se vê na atualidade, ou seja, Bagno (2006), antes mesmo de Monteiro Lobato, sua estrutura era na forma de prosa, e o conteúdo, a priori, por si era carregada de valores e ensinamento.

De modo que, à moda Fontaine, essas características já tiveram alteração, ou seja, como mencionado, Jean Fontaine, além de manter as características primárias, criou nova roupagem, assim criando o famoso "moral da história", já que sua preocupação maior é dar ênfase ao ensinamento moral de forma crítica.

Por sua vez, Monteiro Lobato uniu útil ao agradável para formular suas próprias fábulas, diferentemente dos demais, Neves e Tiuman (2012), especificamente às crianças e adolescentes, por isso, depois de muito tempo, a fábula teve algumas modificações, uma vez que,

Inicialmente, a fábula era escrita ou contada só para adultos, a sua finalidade com jeito de aconselhá-los e distraí-los. "Era também utilizada para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir em ensinamento, para fazer uma crítica, uma ironia" (DIA A DIA EDUCAÇÃO). Hoje as fábulas são, em sua maioria, transmitidas para crianças e adolescentes. A fábula possui uma característica mais educativa. Intervém nos pensamentos e atitudes das pessoas e tem uma lição de moral (NEVES; TIUMAN 2012, p. 10).

Então, as principais mudanças tiveram, como visto, oral para escrita, aos adultos para crianças, e de ensinamento para não correr risco de qualquer perigo e distração para os adultos à valorização de lição moral. E nesse ponto de vista que, a fábula na atualidade, é vista, como historinha para faixa etária infantil, inclusive é o ponto crucial para tratamento pedagógico.

E sucedeu que, na atualidade frente ao mundo tecnológico, na época em que educação se evoluiu significativamente, a fábula tem seu conceito como, segundo Neves e Tiuman (2012) enfatizam:

É uma narrativa curta que ilustra alguma virtude e termina na maioria das vezes, com uma lição de moral. Por meio deste gênero pretende-se abrir espaço para múltiplas leituras, incitando reflexões a respeito da constituição da identidade do sujeito enquanto leitor. Além de aguçar o imaginário, permitir leituras independentes as quais conduzem para a formação do leitor e centralizar a transmissão de um ensinamento, uma lição de vida, a qual La Fontaine denomina de a "alma da fábula" (NEVES; TIUMAN 2012, p. 8).

Este conceito, segundo o que foi comentado, é óbvio depois de muito tempo a fábula ser evoluída, sendo que na antiguidade, a priori, a fábula ainda não era lida, e sim apenas contada oralmente pelo sábio, pelo oráculo enfim, e geralmente como foi referido, simulava a vida real dos sujeitos ouvintes, com intuito de ensinar, despertar, alertar e dar lição de moral.

Porém, hoje, Lima e Rosa (2012), a fábula não tem mais esse privilégio de ser contada oralmente, pelo menos nas sociedades letradas, o que significa que, geralmente é lida, e não tem quem conte, a não ser o próprio leitor, que por sua vez, não é mais adulto, e sim criança, haja visto que, no meio das sociedades dito

civilizadas, a fábula não tem valor como que tinha antes, por isso, não é mais objeto de entretenimento destes.

Contrariamente, nas sociedades ainda dito ágrafas e semi-ágrafas, as crianças e adultos ainda costumam ouvir fábulas, e a valorizam como tesouro de sua cultura, sendo que para estes, a fábula guarda séries de legados importantes que temem perder.

Conforme já mencionado, geralmente, nessas sociedades, ainda não há fábula na versão escrita, é por isso, os contadores de fábulas são pessoas idosas, sábios, curandeiros, pajés, caciques, pais, e quanto os telespectadores, variam entre crianças de várias faixas etárias e adultos, incluindo mulheres e idosos.

Diante disso, vale ressaltar, que nem todo mundo ou qualquer pessoa tem o dom de contar fábula, para isso, há pessoas que têm habilidade para tal finalidade, geralmente, são homens e mulheres que tem memória boa, sendo que a fábula não é lida, e sim contada oralmente.

É interessante também, mencionar que, Lima e Rosa (2012) dentre duas sociedades, que uma é letrada e outra ágrafa, a fábula não apresentam originalidade em comum, haja visto que, dentro da sociedade que domina a letra, as fábulas são, além das que fazem da tradição oral, o que prevalecem as que estão escritas há muito tempo atrás pelo consagrados fabulistas.

Já na tradição, em que a sociedade não domina a letra, suas fábulas são legitimamente e tipicamente cultural de sua etnia, uma vez que, nessa cultura, a fábulas como de Esopo, de Fedro, de La Fontaine e de Monteiro Lobato, não são conhecidas, em razão de que estas têm as suas próprias histórias, e seus próprios modos de repassar valores morais.

Mas, no geral, toda sociedade, sendo letrada ou não, possui sua fábula, o que significa que, os indígenas, os ribeirinhos, os quilombolas também têm suas formas de contar história a partir dos aspectos narrativos, em especial, a fábula, ora para ensinar, ora para dar lição de moral.

2.2 ASPECTO NARRATIVO E ESTRUTURAL DA FÁBULA

A fábula pelo que se tem noção, é um gênero narrativo, que teve sua origem na modalidade oral, uma vez que, agora geralmente existem também escritas,

inclusive existem mais fábulas escritas do que fábula oralizada, isso aponta que seja em razão de que muitos idosos e pessoas iletradas estão ficando extintos.

De qualquer modo, a fábula, independentemente da cultura letrada ou não, tem suas características marcantes, que são cruciais para identificação diante de tantas outras histórias narrativas. Em algumas ocasiões, por não observar os aspectos principais, existem pessoas que se confundem quanto ao conceito e a definição de fábula.

Muitas vezes, a confundem com o conto, com apólogo, com parábola, enfim, sendo que, ela possui sua estrutura e seus aspectos específicos, segundo a visão dos estudiosos, a definição da fábula em relação às outras histórias narrativas, é porque ela possui seus próprios elementos, sua forma específica de contar a histórias, seu enredo próprio, e o mais principal é concretização da lição de moral.

De acordo com Araújo (2014),

A fábula consiste em uma narrativa alegórica de uma situação vivida por animais, que destaca uma situação humana e tem por objetivo transmitir moralidade. A exemplaridade desses textos espelha a moralidade social da época e o caráter pedagógico que encerram. É oferecido, então, um modelo de comportamento maniqueísta: em que o "certo" deve ser copiado e o "errado" evitado (ARAÚJO, 2014, p. 14).

Aqui se percebe, uma das características importantíssimas quanto à sua estrutura, o que se entende que a fábula possui extensão pequena, em totalidade 1 ou 2 páginas. Em relação aos personagens, é constituído absolutamente pelos animais, ou seja, todos os antagonistas e protagonistas das fábulas são animais, que se falam, dialogam, se enfrentam, considerando que no final, o bem necessariamente ganha o mal.

Outra característica importante a relatar, Lima e Rosa (2012) é que neste gênero narrativo, não são inseridos em grande quantidade os personagens, o que lhe garante ser linear e breve para quem vai ler ou ouvir, assim, Neves e Tiuman (2012), a fábula não causa fadiga para quem conta e lê, esse aspecto vem geralmente acompanhado de recursos que de alguma forma prende a atenção dos ouvintes.

Principalmente, como dito pelos mesmos autores (2012), porque a fábula tenta retratar o mais próximo possível da realidade social, ou seja, é possível esta

relacionar o que pessoas costumam frequentemente vivenciar, daí que é importante para repassar um tipo de conhecimento.

Quanto à organização estrutural de fábula, Martins (2013, p.6) suponha-se que esta é uma regra basicamente conhecida universalmente, inclusive os estudiosos definem isso como critérios fundamentais para se chegar a uma conclusão a respeito da estrutura deste gênero.

Nesse caso, pode-se lembrar, ao criar certo tipo de narração, o autor precisa estabelecer e seguir a risca todos os princípios e regras que definem como tal. A exemplo disso, como conto, o romance, epopeia e outros tipos, não se coincidem em relação à estrutura, porque cada um possui de alguma forma convencionada suas próprias regras.

E assim, a fábula como semelhante a estes, possui sua estrutura própria, sua linguagem própria, contém os típicos personagens, e dessa forma é reconhecível diante de várias outras narrativas, como por exemplo, conto, apólogo, lenda, mitos etc. inclusive, quanto a essa questão, Martins (2013, p. 13), apresenta os seguintes critérios e elementos indissociáveis da fábula.

- Histórias curtas: há só um conflito, isso resulta numa narrativa resumida;
- Diálogo: no que se refere à linguagem, a fábula é objetiva, gerando poucas descrições e muitos diálogos;
- Personagens: os animais são usados como personagens que representam virtudes, defeitos e características dos seres humanos. São utilizados de forma simbólica para criticar ou exaltar esses comportamentos;
- Moral: a moral escrita no final da fábula reproduz um provérbio, um dito popular, cujos temas principais são lealdade, generosidade e as virtudes do trabalho.

Esses são os critérios que orientam a estruturação da fábula, em todos os tipos de fábula, sendo escrita ou oralizada, precisam obedecer esses aspectos, haja visto que, nem todas as fábulas são iguais tanto na estrutura, quanto na orientação moralista, isso pela razão de que fábulas indígenas não seguem exatamente os princípios acima supracitados, mas, considerando, em maior percentual, obedecem ou seguem estes mesmos critérios. Brevidade, moralista, personagens animais, objetivo, poucos personagens e de valor pedagógico.

2.3 ASPECTO PEDAGÓGICO DA FÁBULA E O PCN

Existem várias razões que podem ser consideradas como primordiais nas fábulas, como gênero narrativo que se identifica o mais próximo possível sobre tipo de ensinamento, a saber que este, além de abordar os tipos de valores humanos, ainda faz inserção das histórias tradicionais, a partir da visão pedagógica.

A fábula tradicional apresenta um relato direcionado a uma lição de conduta. Mesmo que as personagens sejam animais, como ocorrem muitas vezes, elas representam emoções e sentimentos humanos, servindo para divertir e educar. Além de contar uma história, apresenta um ensinamento, procurando alertar os homens a pensar antes de agir, a fazer amigos, a evitar inimigos, a defender-se, tentando reconhecer a esperteza dos outros que julgam ser sabidos e fortes (LIMA; ROSA, 2012, p. 155).

Esse ponto de vista, que, se faz interessante em levantar hipóteses, de que a fábula, pode ser considerada eficiente ao desenrolar do fazer pedagógico. Aliás, ela pode ser introduzida no contexto escolar, isento de mudança da configuração em relação aos valores primordiais, haja visto que, antigamente, e principalmente nas sociedades que não tinham conhecimento científico ou acadêmico, como nos dias de hoje, a fábula, servira aos cidadãos com uma forma de ensinamento, sobre o bem e o mal.

Porém, atualmente, Yokomizo (2008, p.7), ainda que mudou de certa forma sua essência como tal, muitos valores da antiguidade ainda estão presente neste gênero, como já foram mencionados acima. No entanto, ela pode ser útil para efetivar o ensino-aprendizado em aspectos mais emergenciais na vida escolar das crianças.

Considerando que, um dos maiores problemas encontrados dentro do contexto educacional, são problemas diversos em relação ao ensino, tanto no sentido da leitura, quanto no sentido da escrita, sem contar que, a ausência de ambas, traz imensos prejuízos ao desenvolvimento escolar do aluno, que, o que muitos estudiosos relatam, a falta de competência linguística e falta de raciocínio lógico no ato da produção narrativa de qualquer natureza.

Para tanto, vale ressaltar também, como importante, segundo Lima e Rosa (2012), suas estruturas, não como parciais, mas para que seja mostrada aos alunos sobre duas “partes” que a fábula possui, o que evidentemente facilitaria como trabalhar a fábula no ensino-aprendizagem da escrita e da oralidade.

Essas duas partes, poderiam ser melhor trabalhadas, à medida que for apreendido pelo aluno como o que tratar em cada uma, sendo que as partes que trata da história e seus elementos fica numa estrutura, e a parte que representa o ensinamento da conduta a outra.

Suponha-se que, a maioria da aplicação da fábula nos estudos de Redação e Expressão e de Língua Portuguesa no ensino de fábula, se dá de forma aleatória. Nesse caso, dificilmente, se alcançará resultado positivo.

Mas, se for programado de forma detalhada o ensino desta, nestes níveis de escolaridade, poderia ser trabalhado vários aspectos do aluno, sua capacidade de leitura, da escrita, de interpretação, de reconhecimento sobre as partes e seus personagens, sua capacidade mental em inferir, e principalmente a intenção do conteúdo, a moral da história, a qual o aluno descobriria não como conteúdo explícito, e sim como mensagem implícita.

Sobre as partes de uma fábula no sentido pedagógico, Lima e Rosa (2012), postulam o seguinte:

Dado o caráter pedagógico, a fábula é geralmente organizada em duas partes: a primeira apresenta a história propriamente dita, que se passa mundo fictício, em que as personagens são seres humanos ou animais; a segunda que é a moral da história, normalmente no final, acentuado o significado do que foi narrado, direcionando a interpretação do leitor. Na maioria das fábulas, a moral é estrategicamente separada da história (LIMA; ROSA, 2012, p. 157).

Como foi dito, quando o educador não se preocupa com a importância de conhecimento sobre essas partes, fica vago o ensino, isso significa dizer, a falácia de que “a fábula é uma narrativa que personagens como animais”, não é uma explicação, nem tampouco um tipo de ensino que ajuda a desenvolver a competência, tanto na aprendizagem da escrita e da oralidade, quanto na aquisição da linguagem.

Acredita-se que, fábula, é o gênero narrativo que mais se identifica com os gostos das crianças, Lima e Rosa (2012), devido por ser simples, e apresentar como personagens os animais, e servem para contar histórias, para educar e divertir, ou seja entreter a quem ouve ou lê.

Na mesma lógica, Minson (2013), relata que a fábula pode ser considerada um recurso que pode trazer benefícios, à medida que for trabalhado de forma intencional, como objetivo de proporcionar ou propiciar a aprendizagem, seja qual for

aspecto, no caso da fábula, pode despertar, outras virtudes no aluno, a de criar juízo de valor, considerando nesse ponto de vista o bem e o mal.

As fábulas quando bem trabalhadas podem trazer benefícios para a educação, fazendo com que o aluno participe de maneira pertinente das aulas [...], expondo suas opiniões de maneira crítica, mas ao mesmo tempo se divertindo com a história lida, unindo assim, o útil ao agradável (MINSON, 2013, p. 9).

Então, o ensino de Língua Portuguesa ou de Redação e Expressão, não deve fugir das verdadeiras essências da fábula. Assim, não é demasiado dizer que, isso ajudaria muito a ter capacidade de “inventar”; não por inventar vagamente, mas sempre ao inventar a história relacionar com as questões da realidade, a fábula neste caso, traz uns grandes aparatos.

Em outras palavras, através do uso de fábula na escola, o aluno pode ser ensinado de forma prática, referente à escrita, referente à leitura, pode despertar nela o incentivo à leitura, a curiosidade, treinamento sobre o uso da linguagem oral, além de que, através dessa possa conhecer os vestígios de sua história, por fim, saber distinguir os diferentes tipos de gêneros textuais.

2.4 RECOMENDAÇÕES DE PCN SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Cada cultura humana é marcada por diversos tipos de gêneros textuais, o que geralmente representa a sua própria história e sua condicionante, ou seja, gêneros textuais, Brasil (1998, p. 21), não são feitos aleatoriamente, para que se circule no meio social é preciso ter finalidade e intenções, e nessa crença, que então, os gêneros textuais, no ponto de vista de utilidade social, como essencial.

Assim, suponha-se que, à disposição de uma determinada sociedade, podem e existem vários tipos de gêneros com respectivas funções, intencionalidade e objetividade, inclusive, Brasil (1998), enfatiza sobre isso, quando diz o seguinte:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte de produção dos discursos, as quais gerais usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura (BRASIL, 1998, p. 21).

Consonante a essas considerações, não é equívoco dizer que, as sociedades em geral, ou seja, qualquer que seja cultura, ágrafa, letrada, civilizada enfim, os gêneros são utilizados visando uma finalidade específica, e dentro dessas condições essenciais, se encontram diversidades de tipologias textuais, das vezes na modalidade escrita ou oral.

Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (épopeia, cartoon), das culturas (haikai, cordel) das finalidades sociais (entreter, informar), o de modo de, mesmo que a escola impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível (BRASIL, 1998, p. 24).

Acredita-se que, como bem frisado anteriormente, cada sociedade em dada época específica, utilizou respectivo gênero conforme à sua realidade atual, e com bem se sabe, as gerações se evoluíram, e nesse sentido, entende-se que gênero textuais também, de alguma forma evoluíram ou se extinguíram, mas, os que atravessaram esses períodos primórdios, até hoje estão a serviço das diferentes culturas e sociedades.

Porém, como foi dito, a geração teve sua configuração alterada, sua perspectiva mudada, e principalmente em decorrência da modernidade e a Era Tecnológica, e com isso a educação também teve algumas alterações devido séries de exigências impostas pelas próprias expectativas sociais.

E nesse ponto de vista que então, se torna crucial o ensino-aprendizagem por meio de utilização de tipologias de gêneros e textuais, embora não muito explicitado, mas defendido pelo PCN, com um dos meios capazes de proporcionar no aluno o aprendizado pleno, sendo que, o aluno assim pode aprender de uma forma simplificada, haja vista que, quando se trata de ensino escolar por meio de gêneros, o próprio documento isenta qualquer tipo de metodologia que outrora existia como no caso análise linguística, típico do estudo da gramática normativa.

Ainda sobre gêneros, Brasil (1998), destacam três elementos primordiais no que concernem como estrutura e característica, que diz:

Conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; Construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; Estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjunto particulares de sequências que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p. 21).

Então, por esse ponto de vista, vê-se que, cada gênero em sua totalidade tem sua constituição que remonta a sua essência, como visto nesta citação, além de ter importância histórica bastante convencional, ela também não se estrutura de qualquer forma, isso significa que, todos os gêneros textuais, tem em si, conteúdo temático, construção composicional e estilo, e isso, no termo geral, faz com que seja um elemento primordial para orientações sociais, qualquer que seja o aspecto, a política, religião, moral, ética, valores, organização, educação enfim.

Mediante desses pressupostos, considera-se que, cada gênero se distingue um ao outro devido a sua natureza e sua utilidade por este ou por aquele grupo social, vale enfatizar que, como é o tema central deste trabalho, é relevante dizer que neste campo se concentram também a maiorias das tipologias textuais, e por sua vez, abrange diversos tipos de textos narrativos.

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998, p. 24).

É por isso que, o PCN faz questão de alertar sobre essas importâncias, e ainda ressalta que a educação que é comprometida com a formação cidadã, precisa criar condições de aprendizagem para que o aluno através de, a priori, de diversidade de textos ou gêneros, pode ter habilidade de usar a linguagem da maneira que entender, o que defende como “competência linguística e estilística”, (BRASIL, 1998, p. 23)

2.5 DIRETRIZES EDUCACIONAIS E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Paralelamente, além de LDB/1996, existem diversas diretrizes educacionais que são específicas em que defendem e asseguram que numa comunidade escolar, é importante que sejam resgatadas as memórias de uma determinada sociedade indígena, e impõe esse cargo à instituição escolar.

Então, mediante a essas ordens, é papel fundamental da escola criar condições de inserir tais conteúdos a serem estudados. Vale enfatizar sobre isso, uma vez que, geralmente o sistema de educação nacional não teve antes esse cuidado, a priori, até nos dias atuais acontece da mesma forma, ou seja, livros

didáticos que são entregues as escolas indígenas, eles contemplam absolutamente nada no que tange a sua memória, das vezes até a impossibilita de inserir esses valores nos currículos escolares.

Mediante essas faltas, no Artigo 78º inciso I, II, que as diretrizes como a LDB/1996, considera que, é importante que sejam tratados os seguintes princípios pela educação:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II – Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias (BRASIL, 1996, p. 25).

Aqui pode-se notar que, a lei maior no sentido da educação, ela não defende totalmente o que geralmente acontece pela imposição do sistema educacional, como dito anteriormente, as escolas como de indígenas ou de outras modalidades, muitas vezes não tiveram oportunidade durante décadas, condições que estes resgatem suas histórias, seus conhecimentos, uma vez que, quando o sistema chegava em sua comunidade, todo e qualquer vestígio de seus conhecimentos eram banidos, a começar pelos próprio conteúdos curriculares, livros didáticos e pela imposição linguística que sempre predominou, Barros (2008) a Língua Portuguesa como língua oficial.

Porém, posteriormente à LDB/1996, outras Resoluções surgiram e essas de forma massiva contribuíram significativamente sobre valoração e valorização dos conhecimentos indígenas nos âmbitos escolares, isso significa também que, ao mesmo tempo abriu as oportunidades de os indígenas inserirem dentro dos currículos escolares suas próprias visões de ensino, e em especial no que tange, seus conhecimentos, suas histórias, seus valores e enfim.

Logo abaixo, tem se algumas recomendações importantíssimas que Resolução 05/2012 trouxe para Educação Escolar Indígenas, veja os seguintes artigos e seus respectivos princípios:

Art. 3º

I – A recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

Art. 5º

II – Suas práticas socioculturais, religiosas e econômicas;

Art. 7º

§2º - os saberes e práticas indígenas devem ancorar o acesso a outros conhecimentos, de modo a valorizar os modos próprios de conhecer, investigar e sistematizar de cada povo indígena, valorizando a oralidade e a história indígena.

Considera-se que, essas são as melhores recomendações que garantem que o conhecimento tradicional que das vezes é considerado como desnecessário pela escola ocidental, seja doravante garantido. Sendo que para o povo indígena, como seus conhecimentos não são escritos, diferente da sociedade letrada, os gêneros textuais/orais, guardam séries de acervos de conhecimentos que são inacessíveis a não ser de repente fosse contada.

Por isso, mediante a essas condições, é mister que, a escola tem o dever primordial para possibilitar e concretizar o que as diretrizes garantem e asseguram como eixo central de ensino na escola, “os conhecimentos próprios, memórias etc” dos indígenas.

Nesse ponto de vista, não tem como dizer que gêneros textuais, como conto, epopeia, lenda, e em especial a fábula são gêneros inadequados para o ensino de linguagem, pelo contrário, como foi constatado pelas diretrizes acima, estes são necessários e devem ser prioridades nos currículos escolares, haja visto que, esses gêneros que representam e guardam os conhecimentos tradicionais de vários aspectos.

2.6 HISTÓRIAS NARRATIVAS MUNDURUKU

A segurança do povo Munduruku, em relação ao domínio de suas histórias dependem muito das “histórias” contadas oralmente, e essas por sua vez, dependem das pessoas mais idosas, haja visto que, Júnior, Mahfoud e Miriziara (2006) a juventude em si, em pleno século XXI, não tem mais as habilidades de contar histórias narrativas.

Em relação a cultura munduruku, como diz Crofts (1977) na nota preliminar da 1ª coleção de “Lendas Munduruku”, que os jovens não sabem mais sobre histórias, segundo linguista, isso é queixada pelos indígenas que são dessa etnia, em especial

aqueles lhe ajudaram na transcrição de algumas lendas antigas munduruku, assim de maneira geral, dependem dos velhos e experientes contadores de histórias.

E por sua vez os sábios ainda, também dependem de algumas habilidades natas que adquirem ao longo de processo de crescimento, sendo que como outras culturas tradicionais, os munduruku tem a crença de que somente através de "curandeirismo" se pode aprender quaisquer "coisas".

Assim os mesmos acreditam que, é dessa forma que se adquire conhecimentos, e em especial relacionadas às histórias narrativas, que em suma dependem de certas estratégias, é óbvio por não ser escrita é dependente da oralidade.

Sobre esse tipo de técnica que as sociedades não letradas utilizam para guardar suas memórias narrativas, Paulo Feitor Pinto em seu artigo denominado de "Cultura oral" enfatiza que:

As técnicas de versificação dependem da oralidade e resultam também da necessidade de memorizar o texto a mensagem em sociedades ágrafas a métrica, a rima ou a aliteração são, assim, mnemônica que contribuem para a manutenção da forma e do conteúdo dos textos. Mas podem também ser um mecanismo de transmissão e retenção de conhecimentos acerca do comportamento humano ou da natureza, e de desenvolvimento do conhecimento explícito da língua materna (PINTO 2013, p.132).

Como o próprio autor ressalta que, "O gênero narrativo manifesta-se nas sociedades ágrafas, através de contos, lendas e mitos", (PINTO, 2013, p.133). Isso reforça que dentro da cultura munduruku esses tipos de narrativos são orais, uma vez que, os indígenas dessa etnia ainda não possuem a cultura escrita no sentido de histórias narrativas.

E nesse ponto que se torna crucial aquilo que acima foi mencionado, sobre as técnicas. Porém, nesse ponto de vista fica o pouco difícil para afirmar com propriedade, haja visto que, as literaturas remotas não oferecem comprovações nesse sentido.

O que se tem noção, é que os munduruku como semi-ágrafos, e anteriormente ágrafos, única forma de resguardar aquilo que consideram essenciais para a manutenção dependem da crença de que, a aquisição de aprendizagem é possibilitada mediante ao tratamento tradicional de seus conhecimentos.

Ou seja, a pessoa para ficar com a memória boa no ponto de vista munduruku, os pais quando ainda criança precisa fazer uns tipos de tratamento

tradicional de variadas formas, isso no sentido mais compreensível se chama de “curar” a criança, esse é um dos maiores fundamentos que garantirá ao munduruku um exímio contador de histórias narrativas.

Essa crença, que na atualidade faz com que a juventude da atualidade seja considerada por desprovida de habilidades para contar histórias antigas sendo que, para os velhos, as mães de hoje não tem essa concepção e nem sequer sabem como fazer tal procedimento.

Aliás, para o munduruku, o processo mnemônico não acontece de forma aleatória, para se ter habilidade ou se para ter uma boa memória, o indígena tem que ser obediente naquilo que se impõe a ele fazer, e principalmente no sentido de tratamento, como dito.

Mas diante dessa breve consideração, vale enfatizar que existem mais variados tipos de técnicas que são utilizados, considerando que “cada povo tem seu estilo, maneira e jeito de contar histórias”, (BRUNO, 2013, p.41). Quanto a isso, a mesma autora postula que:

Um contador de histórias faz uso de um conjunto de recursos e técnicas para narrar histórias que são próprias de sua cultura e apreendida ao longo de sua vida. Entre esses recursos da *performance* oral podemos observar: (1) variações de entonação, (2) silêncio, (3) uso de ideofones, (4) variações na imitação da voz e (5) uso de repetição, que são bastante utilizados na língua falada, mas que desaparecem nas formas escritas das narrativas orais (BRUNO, 2013, p. 42).

Esses recursos são bastante utilizados nas tradições orais munduruku. No entanto, todas as histórias narrativas munduruku se encontram no aspecto anônimo (grifo nosso), quanto sua origem e autor. Mas que, no geral tem papel importantíssimo para a organização do povo, de uma forma especial está ligada à cosmologia social, política, religiosa moral e cultural.

Gessiane Picanço, no seu artigo denominado “Kabadarebu ekawên: um mito da realidade”, abordou sobre essa relação que o povo munduruku tem com as narrativas orais, Picanço (2013), as narrativas são primordiais na transmissão de conhecimentos e valores.

Essas atribuições se valem para todos os tipos de narrativas, sendo que na tradição oral munduruku gêneros narrativos são todos dotados de tom de ensinamento sobre os valores, e especialmente sobrecarregado de valores

religiosos, em síntese, contos, lendas e histórias e geral, tem como a marca principal a religião, como postula Kempf (1944), ao ser supremo deus Karosakaybu.

Alguns estudiosos remotos e principalmente daqueles que fizeram atividades “franciscanas” nas aldeias munduruku no século XVII, acreditam que toda a cosmologia destes indígenas se baseiam na crença a um deus supremo “Karosakaybu” o criador/manipulador de todas as coisas. Tocantins (1875) por exemplo faz menção dessa analogia entre sociedade munduruku e a natureza em que sempre o referencial é o deus supracitado.

Por causa dessa relação íntima ou socializada entre humana e deus da natureza, que os animais, plantas e seres inanimados se relacionam com os humanos, a priori, uma das razões mais concreta de que evidencia que há de certa forma a fábula nos tipos narrativos munduruku.

Inclusive, Picanço (2013), enfatiza o seguinte:

Em todos mitos e contos munduruku algo sobrenatural acontece: os animais falam, os espíritos interagem com os humanos, punindo-lhes ou premiando-lhes, e os seres vivos, principalmente, homens e animais, mudam de forma (PICANÇO, 2013, p.149).

Consonante com Picanço (2013), pode-se enfatizar que, assim como outra sociedade qualquer, o povo munduruku, é uma das sociedades tradicionais que vive de histórias narrativas de variadas espécies. A grande dificuldade de constatar esse argumento, é que dentro das literaturas antigas não foram dadas atenção acentuada das descrições sobre tradição oral.

Inclusive, vê-se que há um grande número de documentários e escritos a respeito deste povo, mas, a maioria destes relatos literários se limitam apenas em descrever antropologicamente e linguisticamente, ou seja, os franciscanos só preocuparam em descrever como viviam os munduruku entre si e qual era sua língua predominante. Ao longo do tempo, a maioria dos estudiosos também seguem o mesmo paradigma.

Por isso, ao estudo com esta temática, fica pouco dificultoso, sendo que poucos estudos são encontrados, embora que há pelo menos no exterior em especial na Europa séries de documentos que ajudariam neste estudo, porém se sabe, esses supostos documentários são inacessíveis, uma vez que, protegidos

pelos estados europeus e ainda escritos em língua alemã ou outra língua estrangeira.

Poucos estudiosos no Brasil se dedicaram ao breve estudo de narrativas orais munduruku, como por dentre os mais destacados são: Tocantins (1875), o autor que mais abordou sobre histórias antigas, ainda não foi tao feliz, sendo que, o mesmo confundiu o nome de Dekojêm (nome da aldeia que é considerada pelos munduruku como o berço de sua sociedade localizada na savana no município de Jacareacanga-Pa) com o nome do personagem bíblico "Nicodemos" que na realidade não tem nada a ver com a localidade, esse "engano" provavelmente aconteceu pela semelhança de fonética-fonológica, ou seja devido a pronúncia que se aproxima, considerando que neste período não havia munduruku que falara fluente em língua Portuguesa.

Na década de 40, Kempf estritamente por volta de 1944, também fora o que em resumo explanara a respeito da mitologia, lenda e conto munduruku posteriormente tem-se Picanço (2013) a qual também fez abordagem teórica sobre a lenda munduruku, dentre esses autores, pelo que se tem noção não há outros que fizeram estudos sobre narrativas. Vale enfatizar que, somente Munduruku (2016), foi o que mais adentrou neste campo, mas sua explicação foi apenas para constatar que assim como outras sociedades tem o acervo literário (oral), os munduruku também tem o seu.

2.6.1 Características da Fábula Munduruku

Á convenção tradicional, a fábula é inconfundível quanto á sua composição, tanto á sua finalidade, como dito anteriormente. Mas, dentro das sociedades que não são letradas essas estruturas podem variar, Bruno (2013, p.41), sendo que cada povo tem seu modo próprio de contar, e isso se deve pelas próprias ordens culturais, sociais, política ou religiosa.

Nesse caso, assim como Picanço (2013), todas as histórias narrativas e em especial as lendas são elementos primordiais que definem o modo como esse povo se relaciona com as histórias tradicionais. Em outras palavras, as lendas, os contos, epopeias e mitos são gêneros que tratam da vida dos munduruku, isso em vários aspectos, religioso, político, cultural e principalmente linguístico.

E não é diferente o que acontece com a fábula. Em relação a esta, tem a sua própria característica, com certeza devido às de séries fatores, tais como por ser oral, por ser indígena enfim, é difícil teorizar este argumento como foi dito, é porque não há estudos aprofundados neste campo, principalmente no que tange à fábula munduruku.

Mas, ao olhar alguns dos exemplares de fábula especificamente munduruku, infere-se que tem os seguintes elementos composicionais:

- Anonimato;
 - Tema de conhecimento comum;
 - Oral;
 - Brevidade;
 - Há sempre intervenção sobrenatural
- Personagens: são animais ingênuos versus animais espertos que falam entre si e com os humanos;
- Caráter moralista e pedagógico;
 - Carregado de valores religiosos (munduruku);
 - Não há espaço “imaginário” que se reserve *moral da história*, sendo que o próprio texto em sua totalidade já propõe o ensinamento, alerta ou adverte (PICANÇO, 2013, p.150).

É comum na cultura munduruku, a fábula abordar como temática animais que são considerados frágeis, tais como jabuti, carrapato, mucura, e entre outros, e principalmente aqueles mais rejeitados por sua característica não tão agradável. Esses aspectos provavelmente, que faz ter sentido para garantir que seja conveniente para aplicar aos moldes de ensinamento.

Outro fator interessante a mencionar, é que a fábula não é o gênero muito dedicado às crianças, por mais que seja tratado de forma ingênua, é dedicado na maioria das vezes, ou seja, contada para os adultos. Culturalmente, isso, a priori, devido que crianças munduruku leva o pouco de tempo para compreender o sentido moralista, enquanto que adultos espontaneamente inferem a finalidade principal, o ensinamento.

Nesse caso, pode-se mencionar que a fábula, geralmente ao lado de outras narrativas, não encarrega apenas para o entretenimento, sendo que é carregado de

valores religiosos, uma vez que trata da cultura histórica de referida etnia, sendo assim, para eles um dos gêneros sagrados.

Para eles, assim como Tocantins (1875) relata que esses elementos são considerados para os munduruku como “batismo”, os quais são dádivas de Karosaybu, e Picanço (2013) reitera esse postulado, quando a autora menciona que todas as narrativas orais estão relacionas ao mundo deste povo.

Dessa forma, diferente de outras culturas, para o entendimento munduruku, a fábula guarda vários segredos que somente esse povo compreende e por isso as guardam com maior respeito e consideração. Isso quer dizer que, todas as histórias que são “eternizadas” pela fábula, os munduruku afirmam que isso de fato aconteceu, no entanto para eles, as narrativas em geral, e principalmente a fábula, não pode ser considerada como histórias fictícias.

Assim, Picanço (2013), todos os gêneros narrativos se relacionam com os cantos tradicionais, ou seja, todas as histórias narrativas apresentam duas versões, forma contada (oralmente) e forma cantada, e esse, no entanto, a principal dificuldade em que a maioria dos contadores de histórias encontram, haja visto que além de conhecer de fato a história completa, também tem que cantar, embora que, a maioria das vezes, tem uns apenas contam, mas não cantam.

Essas condições, implica por uma razão maior, é que na cultura munduruku, não é permitido, Munduruku (2016), a criação de novas histórias narrativas e isso vale para todos os gêneros orais, como mito, lenda, epopeia, cânticos, danças e também danças de instrumentos de sopro, como “parasuy” (taboca).

Nesse caso, a geração artística nesse sentido já se foi há muito tempo na cultura munduruku, atualmente, todas as histórias para eles estão vivas em suas memórias, sendo então mnemônicas, para sempre levar essa memória, eles precisam guardar e ensinar novas gerações de forma oral, haja visto que a maioria das fábulas e outros gêneros estão em extinção devido não ter escritos, outro fator que leva a extinção é, “a experiência de narração de histórias está em vias de extinção, assim como, a figura do narrador”, (JÚNIOR, MAHFOUD e MIZIARA, 2006, p.3), o que para munduruku é o prejuízo incalculável, sendo que jovens não tem as mesmas habilidades.

Em suma, conforme Munduruku (2016), todos esses gêneros guardam os tesouros que são imensuráveis para o povo munduruku: sua sabedoria, seus conhecimentos, sua língua original, suas histórias, suas crenças, e o seu modo de

ver o mundo, por esses motivos, os gêneros narrativos são tidos como sagrados e não devem ser manipulados, ainda que seja para entreter tanto as crianças como adultos, e principalmente aos adultos, como forma ensinamento moralista, como forma de ensinar como os antepassados viviam nos primórdios.

2.6.2 Exemplos da Fábula Munduruku

Existem mnemonicamente falando, uma grande quantidade de fábulas na cultura munduruku, ao lado de outros gêneros, assim como cânticos, histórias de lutas entre seus inimigos (epopeias) e histórias de fatos que aconteceram para eles de verdade.

Mas, poucos exemplares escritos podem ser encontrados. E dentre desses que se tem conhecimento, são somente aqueles graças ao *Summer Institute of Linguistics* (SIL) foram organizados e escritos, e alguns dos exemplares mais detalhados são da coleção chamada de "**Aypapa'ũm'ũm ekawẽn**", no pé da letra como se diz, em Língua Portuguesa significa "Histórias dos ancestrais".

Para os organizadores foram traduzidos como coleção "Histórias dos antigos" ou "estórias dos antigos". Primeiro volume fora publicado pelo SIL em 1977, essa tem como título "**Aypapa'ũm'ũm ekawẽn** – Histórias dos antigos (Lendas Munduruku)", a segunda em 1978, intitulado de "**Aypapa'ũm'ũm ekawẽn** – Histórias dos antigos (lendas munduruku)" e a terceira no ano de 1979, tendo como título "**Aypapa'ũm'ũm ekawẽn** – Estórias dos antigos (lendas munduruku)".

Dentre as três, o que mais interessou esta pesquisa, é a coleção do volume 3, uma vez que, essa coleção trata de fábulas, as quais são tidas como principais fábulas munduruku. Nesta coleção podem-se encontrar as seguintes estórias fabulosas:

Veja figura na página seguinte:

1. Mukora	A Mucura
2. Xik	O Carapanã
3. Doa	A Aranha
4. Kaxi	O Sol
5. Ixima	A Noite
6. Mureo juap	O Morcego
7. Daruk juap	O Aparecimento do Arco
8. Daxa ebapukap	O Aparecimento do Fogo
9. Wida juap	O Aparecimento da Onça
10. Tawe juap	A História do Macaco Prego
11. Nõgnõg	O Pai da Pulga
12. Muo juap	O Aparecimento do Sapo
13. Muraycoko juap	A Transformação de Muraycoko
14. Akurice ebapukap	Como os Cachorros Apareceram
15. Ay ebapukap	Como Apareceu a Preguiça Aqui
16. Poy	O Jaboti
17. Urübên	Urübên
18. Yotoxerebu	Yotoxerebu
19. Akurice	O Cachorro

Figura 1 – Quadro demonstrativo de fabula. Fonte: Livro: Lendas Munduruku V. 3 – Summer Institutes of Linguistics, (1979).

Diante do exposto, vale lembrar que elementos que não têm vida, ou que são inanimados não devem ser incluídos no sistema de composição da fábula, haja visto que, somente o gênero apólogo que insere como personagem os tipos “sem-vida”.

Baseado nesse pressuposto, conclui-se que no quadro demonstrativo acima, dois títulos como de número “07. *Daruk Juap*” e “8. *Daxa ebapukap*” podem não ser considerados como fábula, uma vez que o primeiro trata de arco e o segundo de fogo, ambos, no entanto personagens que não têm vida, como dito anteriormente é o objeto de apólogo.

Na visão cosmológica munduruku, Picanço (2013), todas as coisas, agentes naturais e entidades sobrenaturais, de uma certa forma se relacionam aos munduruku, isso bem claro, à medida que se observa o que a fábula evidencia.

Todos os seres presentes na natureza, como animais, plantas e espíritos se comunicam com os humanos (munduruku), essa relação é comentada desde os primórdios, inclusive Tocantins no século XVII comentara sobre isso em breve comentário, quando faz menção de certas histórias narrativas.

E a fábula, é um dos gêneros mais ricos que representam esse aspecto. a qual apresenta a relação intrínseca de animais e seres humanos. Sendo que pelo menos, antigamente, para os munduruku, todos os animais eram gente, ou seja, o ser humano podia ter duas formas humano e animalesco.

Por isso, todas as histórias narrativas munduruku, ainda que não seja fábula, os personagens humanos como os mais famosos da tradição oral “Peresoatpu”, e

"Karosakaybu" e entre outros têm total liberdade de conversar tanto com as pessoas, quanto com os animais ou com seres sobrenaturais.

E essa possibilidade de relação entre o mundo animal e humano, só é estabelecida porque de alguma forma, Picanço (2013), há uma intervenção sobrenatural, que infere-se que seja de um deus que a mesma autora considera como "provedor".

Assim, em todas as narrativas orais, os personagens que fazem papel do bem estão sujeitos a receber o bem, e os personagens do mal, também suscetíveis a receber como prêmio o castigo ou outro tipo de punição. Esse aspecto, em que a tradição oral se dispõe, é que a torna como legítima munduruku.

Na consideração abaixo, pode-se ver que as histórias fazem parecer que aconteceram sob intervenção de um deus, o que sempre, a priori, intervia para que num dado enredo de uma determinada narrativa aconteceria sempre o bem, e que esse acontecimento seria para sempre.

Uma função constantemente presente na literatura oral desse grupo é a do provedor, quase sempre, é ele que impões aos homens algum tipo de teste, em alguns mitos e conto, os homens falham no teste e são punidos, mas em outros, superam-se e são premiados (PICANÇO, 2013, p.150).

Ao inferir sob perspectivas de Picanço e outros estudiosos primórdios da cultura munduruku, conclui-se que todas as histórias que existem no mnemônico dessa cultura, foram feitas durante a transformação do mundo, e essa convicção é presente na crença munduruku, qualquer indígena desta etnia, acredita no que as histórias relatam, de que aconteceram de fato por isso que todas as "coisas" ficaram assim, e não como devia ficar.

Um desse argumento a própria Picanço (2013), comenta, Tocantins (1875) relata e até Kempf (1944). Ou seja, por um simples "erro" um certo fato aconteceu e assim ficaria para sempre.

Para ser mais prático, na fábula clássica, por exemplo, *Peresoatpu* estava muito cansado por ter andado o dia inteiro na mata, ao findar do dia procura o local para dormir e pretende passar a noite embaixo num pé de castanheira, porém ao anoitecer começa um barulho que o atormentou a noite toda lhe tirando o sossego, de cima caía muitos dejetos que o molava, mas não sabia o que era.

Assim ele não conseguiu dormir e ficou muito irado, e logo bem cedo foi verificar que tipo de barulho o incomodou – constatou que era um montão de lagartas típicas do tronco da castanheira, de tão irado disse – odeio vocês, e pegou seu arco e começou a bater de baixo para cima, porém, como diz a história, a sua vara só alcançou uma certa altura.

De dia ele olhou para o corpo. Era todo pintado.
Olhou para cima:

—Olhe! Que são muitos lagartos lá em cima! Os lagartos me estragaram--disse.

Ele bateu neles. Matou. Matou muitos. Deixou um resto só. Bateu com o arco até não poder alcançar mais.

Por isso não são muitos os lagartos (hoje em dia).

Figura 2 – Quadro demonstrativo de fábula (versão - Língua Portuguesa:). Fonte: Lendas Munduruku V. 1- Summer Institute of Linguistics, (1977).

E por isso, para os munduruku, as lagartas do pé-de-castanheira não se proliferam em altura baixa, sendo que o *Peresoatpu* naquele momento de ira, os que tinham na altura baixa as matou todas, e assim para eles, atualmente, no tronco da castanheira, só dá lagartas na altura bem considerada, somente naquelas marcas que a “vara” do *Peresoatpu* não alcançou.

O mesmo paradigma, Picanço (2013), está presente em quase todas as literaturas orais munduruku, por isso, não há como negar que a Gessiane L. Picanço esteja errada, quando a mesma enfatiza que dentro da tradição oral munduruku há certo provedor que faz intervenção, ora para punir, ora para premiar.

No caso do mito do “*Kabadarebu*”, segundo Picanço (2013), esse personagem para os munduruku representava “sabedoria” ou qualquer tipo de conhecimento enquanto esteve convivendo no meio da tribo, porém, de tão violento que esse povo era, tal personagem não quis mais viver no meio do seu povo, então decide fazer uma viagem mítica, na qual pretendeu ir ao submundo aquático.

Esse fato, conforme autora, para os munduruku representa a perda de tudo, tais como habilidades, conhecimentos, inteligência, uma vez que, *Kabadarebu*, era um grande sábio, segundo o mito, “A viagem mítica do Darebu, portanto, representa mais do que uma simples morte física; ela representa a morte de toda a cultura munduruku”, (PICANÇO, 2013, p.155).

Assim como demais essência de gêneros, como já dito, nesse fato estórico também os munduruku recebem um tipo de punição, sendo que Darebu só se decidiu morrer ou viver em outro mundo mítico, é devido as constantes guerras fulminantes que os munduruku planejaram, e como perde o grande sábio, e posteriormente, segundo este mito, por isso, na tribo munduruku não tem mais uns tipos de artesões assim como havia na época de *Darebu*, isso é uma das punições recebida por este povo, por ser muito "guerreiro".

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Todo trabalho do nível acadêmico, deve ser orientado por um tipo de pesquisa, a qual fará o delineamento numa determinada temática, a fim de fundamentar e rotular como tal. O caso desta se pretendeu delinear-se sob o ponto de vista da pesquisa bibliográfica, ou seja, os dados que foram colhidos para delinear este trabalho foram pesquisados estritamente nos acervos bibliográficos.

3.1 ASPECTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Existem diferentes tipos de pesquisas que são indicados e explicados por grandes estudiosos das ciências, dentre as quais, como: Prodonav (2013), pesquisa descritiva, pesquisa básica, pesquisa de campo, pesquisa experimental, pesquisa documental e entre as mais diversas, cada qual com suas especificidades próprias, do ponto de vista da natureza, do ponto de vista de seus objetivos e do ponto de vista de procedimento técnicos.

Quanto a esta pesquisa, Prodanov (2013), se baseia no ponto de vista de procedimento técnico, portanto, é uma pesquisa bibliográfica, em razão de que, todos os levantamentos de dados foram feitos através de séries de leituras em livros, artigos, documentos e materiais bibliográficos afins, sendo assim, não complementado pelo modelo da pesquisa de campo. Quanto a isso, segundo Prodanov (2013), a pesquisa bibliográfica, é aquela que:

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (PRODANOV, 2013, p.54).

Segundo o mesmo autor, qualquer trabalho científico exige modelo de pesquisa bibliográfica, geralmente para fundamentar a abordagem teórica de um determinado tema, porém vale enfatizar que, quando um pesquisador recorre a esse tipo, não significa que seu trabalho vai ser orientado totalmente pelo estudo bibliográfico, no entanto, neste momento recorre-se apenas para formular sua respectiva teoria.

Porém, quanto à orientação desta pesquisa é totalmente “bibliográfica”, uma vez que, assim para formular a abordagem teórica, também será o modelo bibliográfico em sua totalidade, ou seja, este trabalho, não é uma pesquisa de campo e nem outro tipo, a não ser a própria Pesquisa Bibliográfica.

Os principais estudiosos que se consideram como referenciais para este trabalho, consiste em Prodanov (2013) como já mencionado, Severino (2007), pelo crédito que esse autor também postula que,

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir dos registros disponíveis, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Então, assim como para o primeiro e para a perspectiva de Severino (2007), qualquer trabalho acadêmico ou científico de cunho bibliográfico, o autor do trabalho geralmente recorre aos acervos disponíveis, com intuito de que, a partir das informações contidas nestes materiais, ele possa Prodanov (2013) diagramar seu roteiro ou seu escrito, com respectivo tema e assunto.

No entanto, como demais procedimentos científicos, para realização de trabalho bibliográfico, Prodanov (2013) recomenda a serem adotados como critérios os seguintes procedimentos básicos, que se tornam primordiais, que são:

Escolha do tema; Levantamento bibliográfico preliminar; Formulação do problema; Elaboração do plano provisório do assunto; Busca das fontes; Leitura do material; Fichamento; Organização lógica do assunto; Redação do texto (PRODANOV, 2013, p.55).

Considerando essas etapas, o presente trabalho buscou tematizar um dos assuntos que somente através de levantamentos bibliográficos pudesse ser discutido, embora que, outros modelos de pesquisa também disponibilizariam os mesmos dados.

Nesse caso, considerou importante mais buscar através deste meio, uma vez que, apresenta mais credibilidade, sendo que são rotulados pelos estudiosos, diferentes de outras categorias como comentários, falas e entrevistas espontâneas etc, que não apresentam o mesmo grau de credibilidade diante da ciência.

Assim, todos os teóricos supracitados nesta pesquisa são estritamente bibliográficos, por isso, eles são de períodos e de categorias diferentes, quer dizer, tem uns que teorizam a fábula, outros falam sobre a cultura munduruku, enquanto que outros abordam a temática da Educação Escolar Indígena, e ainda há aqueles que postulam sobre a importância do uso da fábula na Educação Escolar Indígena. Como dito anteriormente e conforme Prodanov (2013), a pesquisa teve seus seguimentos nas seguintes etapas:

1) Escolha do tema: o tema foi escolhido por ser um assunto que demonstra ser importante para o ensino e aprendizagem dos alunos, a partir do uso de fábulas munduruku, haja visto que, nas escolas indígenas, esse tipo de metodologia e sequência didática não são praticamente utilizadas, pelas razões diversas, a priori, pela falta de conhecimento sobre o conceito de fábula, etc;

2) Pesquisa bibliográfica: neste procedimento foram-se feitas várias leituras buscando relacionar as possíveis coerências em relação ao tema proposto;

3) Leitura de literatura (bibliográfica): depois de breves leituras de artigos, livros, leis e outros documentos, foram-se feitas leituras objetivas de cada assunto: leitura sobre a fábula; leitura sobre a fábula munduruku; leitura sobre metodologia científica; leitura sobre legislações da Educação Escolar Indígena;

4) Organização dos dados: logo em seguida foram organizados todos os materiais nos seus devidos temas;

5) Redação do trabalho: por fim foram escritos resumidamente o que se foi inserido mediante a cada leitura de dados bibliográficos.

3.2 DESCRIÇÃO DA ESCOLA BORÕ MUYATPU

A escola Indígena Borõ Muyatpu, é uma unidade escolar de pequeno porte, oferece aos seus clientes o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental com modalidade de ensino de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o ensino da Língua Munduruku, contém 01 professor de língua materna, no total são 12 servidores, incluindo profissionais indígenas e não-indígenas e atende aproximadamente uns 90 estudantes.

Quanto a clientela, os alunos são indígenas natos, falantes da língua Munduruku, e não dominam a língua portuguesa. No entanto, há pessoas como lideranças, pessoas com frequentes contatos com brancos e professores indígenas

falam um certo nível de fluência em Português, e a maioria dos estudantes nesta localidade são adeptos à Religião, em especial ao Ministério Assembléia de Deus.

Em relação ao espaço geográfico, escola Borõ Muyatpu, está situada na Aldeia Caróçal no Território Mundurukânia, que pertence ao município de Jacareacanga-Pa, esta região é conhecida por longa data como zona garimpeira mais ativa dentro da área indígena, o famoso "Rio das Tropas".

Quanto ao fator pedagógico, a escola por ter tantos os professores indígenas e quanto os profissionais não-indígenas, geralmente trabalha na modalidade bilíngue, ou seja, sempre busca contemplar dois valores, valores munduruku e valores da educação nacional.

Assim, no aspecto metodológica-pedagógico, às vezes, se depara com grandes desafios, desafios esses que implicam na aprendizagem dos alunos, uma vez que, primeiramente apresentam dificuldades em apreender as aulas dadas em língua portuguesa, enquanto que, na Língua Munduruku possuem mais afinidades, porém esta modalidade por sua vez, não oferece metodologicamente os recursos pedagógicos capaz de causar efeito no sentido de proporcionar no aluno o desenvolvimento da leitura e escrita e competência linguística à altura exigida pela educação nacional.

A priori, uma das implicâncias, nesse sentido, é a dificuldade dos professores de ambos os lados. Professores "brancos" apresentam dificuldades em lidar com ensino e aprendizagem dos alunos porque sua relação linguística é limitada, isto é, não capaz de ensinar além do que é permitido, uma vez que, não sabe falar a língua munduruku, então, o "razoável" que ensina é "básico" dos básicos.

Já o professor indígena é inversamente do primeiro, porque no que tange ao seu conhecimento cultural e linguística possui grandes conhecimentos de forma suficiente, a grande dificuldade é transformar esses conhecimentos em "recursos" pedagógicos em prol do ensino e aprendizagem dos alunos, principalmente, no que diz respeito à utilização de histórias, literaturas e contos tradicionais e "fábula como forte veículo de complemento no processo de aplicação pedagógica durante o Ensino Fundamental", (FERREIRA; ALVES; BORA, 2014, p.2). De acordo com autores referidos, tais "implicaturas" no processo de ensino:

Diz respeito não a materiais pedagógica, tais como livros e apostilas, mas a uma organização de pensamento a serem utilizados para uma plena compreensão e uma fácil assimilação desta disciplina na sala de aula, pois

é de conhecimento de todos que a literatura se apresenta como uma das mais importantes disciplinas para a formação do leitor (FERREIRA; ALVES; BORA, 2014, p.2).

Consonante a colocação destes autores, concorda-se que na escola Borõ Muyaipu não somente materiais que faltam, mas, uma organização da literatura munduruku, visando através destas tirar proveitos em prol do desenvolvimento escolar dos estudantes indígenas, considerando que, assim como nas culturas das sociedades letradas, a cultura também pode oferecer esses privilégios, a fábula, como um dos componentes da tradição oral e, Munduruku (2016) da "literatura oral", pode ser utilizado como componente curricular eficiente para o desenvolvimento intelectual do aluno indígena em vários aspectos.

4 RESULTADO DA PESQUISA

4.1 PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA FÁBULA MUNDURUKU

Como fábula de qualquer cultura letrada, a fábula munduruku pode ser considerada um dos elementos pedagógicos bastante útil durante o desenrolar do Ensino Fundamental, uma vez que, representa em sua totalidade, Picanço (2013), como uma forma de transmissão de conhecimentos e de valores antigos à nova geração.

E como parte da narrativa que carregava tantos valores e conhecimentos tradicionais, a fábula, não poderia ser vista pelos alunos indígenas apenas como gênero da sociedade letrada, essa noção é que se tem no ponto de vista da Educação Escolar Indígena na escola Munduruku.

Isso quer dizer que, os professores indígenas, ao invés de trabalhar as próprias fábulas de sua cultura, preferem geralmente, usar como recurso as fábulas convencionais da cultura ocidental, essa postura de educadores tem sido se tornando como desafio, para que pelo menos, o educando indígena possa aprender ao mesmo tempo que aprende os valores ocidentais, os valores munduruku, trabalhar na sala com fábula, pode trazer estes benefícios.

Além de proporcionar o entretenimento, a aquisição de valores humanos, conforme Machado e Franz (2009), esse, "gênero fábula possui uma finalidade comunicativa sendo que, em sala de aula, uma oportunidade de trabalhar a escrita e a leitura socialmente contextualizada" (MACHADO; FRAZ, 2009, p.68).

Nesse caso é interessante que fosse considerado um tipo de sequencia didática proposta por Maia (2008), inclusive muito importante antes de trabalhar tal gênero na sala de aula, uma vez que, geralmente os educandos e até professores indígenas (munduruku), não tem preocupação de diferenciar diversos gêneros, narrativos, e essa falta de informação que das vezes, implica no conhecimento de alunos, sendo que acreditam que somente na cultura dos "brancos" existem fábulas, enquanto que na verdade, Munduruku (2016), na munduruku há diversos gêneros literários orais, e principalmente há fábulas também.

Portanto, para Maia (2008), é primordial que antes o professor trabalhe sobre o conhecimento prévio que o educando possui, que diz o seguinte:

- Você conhece o gênero fábula?
- Já ouviu ou leu alguma?
- Onde normalmente encontramos estas histórias?
- O que as diferencia de outros textos?
- Para que são escritas?
- Você considera que as ilustrações são importantes para compreender o texto? Por quê? (MAIA, 2008, p.8).

Acredita-se que mediante estas perguntas preliminares, algumas dúvidas e crenças que os alunos indígenas carregam de que, a fábula existe somente nas outras culturas, seriam sanadas, assim, com certeza, poderia ser um ponto crucial para que através deste gênero envolver esses estudantes, visando o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Há no acervo tradicional munduruku, fábulas que apresentam grandes chances de despertar curiosidades dos educandos, a razão porque apresentam tom de comédia, personagens de conhecimento de todos, breve, e traz a história, com um tom de ensinamento, pedagógico, e a explicação o porquê o certo personagem do bem ou do mal ficou assim para sempre, no sentido de caráter, fisionomia ou outro aspecto, como diz, Picanço (2013), em todas as narrativas tradicionais, munduruku, há sempre o intermediador, um ser superior que castiga o que mal e beneficia aquele é do bem.

Ainda seguindo a ideia da sequência didática proposta por Maia (2008), outras perguntas seriam necessárias para melhor esclarecimento sobre o ensino e aprendizagem na escola indígena Borõ Muyatpu a partir do uso de fábula, abaixo estão relacionadas as seguintes propostas interrogativas:

- Em que local ocorre a fábula e quem participa dela?
- Quando ocorrem os fatos?
- É possível determinar com exatidão quando ocorrem os fatos? Como?
- Como a fábula se inicia? Existe semelhança com outras histórias que você já ouviu? Quais?
- O texto tem quantos parágrafos?
- O título nos fornece pistas sobre o que seria tratado no texto? Quais?
- É comum encontrarmos uma fábula, uma moral para a história. Neste texto a moral foi propositalmente omitida. Crie uma possível moral para esta fábula. [...]

- Há marcas de temporalidade no título? Como se apresenta? Causa algum efeito? Qual? [...]

- Quem conta a história? O discurso está em primeira pessoa ou em terceira pessoa? (MAIA, 2008, p.10).

Diante desses pressupostos levantado por Maia, provavelmente o grande problema encontrado por professores munduruku é a falta de noção ainda sobre os tipos de gêneros narrativos, haja visto que, por esse motivo, quando pretendem trabalhar na sala de aula com uns tipos narrativos, os mesmos, a priori, não tem preocupação com esses levantamentos acima relacionados.

Em consequência disso, seus alunos durante as etapas do Ensino Fundamental, têm mais chances de entender as fábulas da cultura alheia do que suas próprias fábulas. Agora como enfatizam Ferreira, Alves e Bora (2014, p.2), a falta de matéria não é, mas apenas a falta de organização do pensamento, ou seja, a falta de planejamento, o professor, por falta de visão “literária” não enxerga nas literaturas orais munduruku as fontes de recurso, assim as fábulas não são vistas como tal da mesma que na outra cultura é bem vista.

Ao contrário disso, a saber, a fábula munduruku como disseram alguns dos literatos remotos e estudiosos dessa cultura, como Tocantins (1875), como um dos pioneiros além de franciscanos, Kempf (1944), Missionários do SIL na década 70, Picanço (2013 e demais simpatizantes, relataram a cultura narrativa desse povo, é bastante ligada com os seus modos de viver, sua crença, sua organização, costume, organização política, enfim, estar ligada ao povo munduruku, isso retrata, com certeza, uma identidade própria em vários sentidos.

Por isso, neste contexto, a fábula como um dos textos narrativos desse povo, precisa ser trabalhado para buscar uma forma dinâmica de aprendizagem, uma alternativa que pode abranger diversos campos de saberes, a escrita, a leitura, argumentação, e principalmente trabalhos voltados à aprendizagem de valores morais, éticos, religiosos, trabalhar sobre os juízos de valores.

Nesse caso, é interessante concorda com santos (2012), de que,

A leitura de fábulas na sala de aula possibilita ao estudante expressar-se e discutir aspectos socioculturais. Essa tipologia textual não só promove a reflexão, mas também serve de exemplo para o ensino ético-moral. A fábula é vista, há muitos anos, como instrumento educacional, não só porque se trata de um texto crítico, mas também por exercer um papel fundamental para o desenvolvimento do leitor-criança (SANTOS, 2012, p.14).

Considerando esses pontos positivos, que se resultam frente à utilização de fábula como instrumento pedagógico, não é exagero pensar que, dentro do âmbito escolar munduruku, esses resultados também poderiam lograr sem qualquer dúvida, porque de material não falta, pelo contrário, a tradição oral disponibiliza um verdadeiro acervo de fábula, guardadas na "biblioteca mnemônica" munduruku, algumas dessas fontes, na sequência serão apresentadas em breve descrição

4.2 SUGESTÃO DE RECONTO, REESCRITA E ORGANIZAÇÃO DE MINIA CERVO DE FÁBULAS MUNDURUKU

A maioria dos contos, lendas e em especial, as fábulas, foram escritas graças aos estudiosos que de alguma forma tinham interesses específicos sobre os munduruku, os pesquisadores em prol do interesse do governo brasileiro em "civilizar" os munduruku, franciscanos em catequizar, Seki (2000), linguistas do SIL em evangelizar, pelo menos o último grupo é que obtiveram mais sucesso no que tange à aproximação entre os índios por meio de suas línguas.

Inclusive, através dessa aproximação, é que foram escritas algumas histórias narrativas, ainda que não muito bem elaboradas, uma vez que, esses linguistas não tinham domínio pleno da língua munduruku, e da mesma forma seus intermediadores munduruku que ajudaram nas traduções, não tinham fluência em Língua Portuguesa, e isso ficava, a priori, mais convergente, porque os linguistas não eram brasileiros, por incrível que pareça eram americanos interessados na compreensão da língua munduruku, com a finalidade de catequizar e evangelizar isolados.

Mas, no fim das contas, escreveram vários exemplares de lendas, contos, mitos e fábulas, e uma dessas é o que está abaixo, que trata de fábula de "jabuti" que quer dizer em munduruku "poy" realmente registrado como também levado internacionalmente por Crofts e Kempf.

É bom lembrar essa que, ela está em português, traduzido por próprios munduruku, assim, vê-se que, não tem muita fluência na tradução, isto é, na versão munduruku é bem mais convincente e mais interessante, uma vez que, apresenta muito das características de uma fábula. Esse texto foi transcrito na mesma forma que se encontra na versão original, para não causar qualquer tipo de alteração. Veja:

Jaboti

O jaboti comia comida da anta (fruta). A anta o achou embaixo do buritizeiro. — É você que está comendo meu buriti! Disse ao jaboti. Pisou. Botou lá dentro da lama. Lá estava o jaboti. Ficou lá muito tempo deitado (na lama). Chegou. Os caititus chegaram para caçar. Chegaram embaixo do buritizeiro. Viraram o jaboti de dentro. — É você que está aqui, jaboti? Perguntaram. — Sim, respondeu, sou eu. — O que é que você está fazendo está fazendo? — Nada, respondeu. Foi a anta que me botou (aqui) porque comi o buriti dele. — Exclamação. Vai te vingar! Disse. Vai te vingar! Ele foi para lá. Lá está o rasto dele. — Está. O jaboti foi andando. Chegou lá onde tinham quebrado pau. — Ainda estou longe dele? Perguntou. Muito longe, respondeu. Você não chega, não. — Não! Vou chegar! Vai custar, mas chego lá, disse jaboti. Andando, chegou lá onde tinham cagado - - já tinha crescido um buriti grande. — Ainda estou longe? — Você está muito longe ainda, disse. Nunca chegará. — Não! Eu chego! Vai custar, mas chego, disse jaboti. Estava andando e chegou onde eles comiam. — Estou longe? — Você está muito longe, respondeu. Você não chegará. — Não! Vou chegar, disse o jaboti. Vai custar, mas chego. Ele andava de dia e de noite. Chegou a um buritizeiro onde cagou. — Estou longe? — Você está muito longe, disse. Não chegará. — Não!, disse o jaboti. Vou chegar. Vai custar, mas chego. Foi assim mesmo. Vivía andando - todo dia e a noite. Daí ficou perto. — Estou longe? — Muito longe, disse. Mas não está muito longe, não. Chego, disse o jaboti. Chego. Vai custar, mas chego. Estava andando e chegou onde tinha quebrado (pau). Estou longe? — Muito longe, disse. Não vai chegar, não. — Não! Disse. Chego!	Estava andando. Chegou onde tinha comido. Estou longe? Longe mesmo, respondeu. Não chegará. — Não! Chego, disse o jaboti. Chego. Foi lá onde não faz tempo que tinha comido. — Estou longe? — Não é longe, disse. Você está perto. Foi indo. Chegou à bosta dele, onde cagava. — Estou longe? Ele disse à bosta. — Não é longe, respondeu. — Vou chegar, disse. Daí ele foi. Chegou ao lugar/cama dele. — Estou longe? — não é longe, respondeu. — Exclamação. Vou chegar Daí foi. Chegou onde havia comido pouco tempo atrás. — Estou longe? — Não é longe, não, respondeu—você vai chegar. Daí o jaboti foi. Chegou à bosta dele—bosta fresca—não faz tempo—anteontem—a bosta não estava velha ainda. — Estou longe? Perguntou. — Não é longe, não, respondeu. — Está. Vou chegar Daí foi. Chegou à bosta fresca--de ontem. — Estou longe? — não é longe, não, respondeu. — Eu chego, o jaboti disse. Foi de lá. Chegou ao lugar (de dormir). — Estou longe? — Não é longe, respondeu. Você está perto. Foi. Chegou à bosta bem fresca. — Estou longe? — Você está bem perto, a bosta respondeu. Bem perto. Foi. Chegou à anta. Olhou a ela deitada, achou a anta dormindo, deitada. — Está aí, disse. Chegou. — O que é que vou fazer? Lembrou-se do saco (escrotal) dele. — Vou morder no saco dele, disse. Abriu a boca. Meteu a boca dele na boca. O saco entrou na boca. Mordeu. A anta se levantou. Foi embora. Ia mordendo. Davas voltas. Caiu no chão. Morreu. O jaboti matou a anta. — Bem feito! Disse o jaboti. Você me botou dentro da lama, disse. E... está vendo! Eu te mais! (Extraído do livro: Aypapa'üm'üm ekawën - Lendas mundurukus, v. 3, de 1979)
---	--

Analisando de forma sucinta, entende-se que esse texto se trata de vingança, provavelmente não muito comum nas fábulas antigas, portanto, considerando que

certas culturas têm formas próprias de contar histórias. No caso, desta, o essencial não é a vingança do jabuti, mas a insistência, o astuto e a inteligência de lidar com as situações que parecem impossíveis de superar, vê-se que, a anta em comparação ao jaboti, não tem um pouco de semelhança, tanto no tamanho, quanto na velocidade.

Mas, nessa história, o mais frágil, e o mais bobo, que vence a luta. Segundo, o professor Jairo Saw Munduruku, o renomado contador de histórias da cultura munduruku, todas as histórias de jaboti (que são várias), elas representam grandes ensinamentos, diferente de outros animais bem espertos, o jaboti sempre sobressai numas determinadas situações complicadas.

Nesse caso, como dito, a história, ensina a ter paciência, de nunca desistir de seus objetivos, ainda que aos olhos sejam impossíveis por vários fatores, haja visto que, na história referida, o jaboti se encontrou tão distante de seu objetivo, tanto no sentido do tempo que era muito tempo, quanto no sentido geográfico, que se encontrava tão longe geograficamente de seu inimigo, a anta. Mas, através de conversação com natureza, que é típica da tradição oral munduruku, ele sempre se manteve informado, através de constantes perguntas (exóticas) aos seres inanimados.

Diante, disso, é interesse, no ponto de vista desta pesquisa, que a escola trabalhasse para resgatar esses tipos de histórias, não seria, (grifo nosso), desperdício de tempo, haja visto que, todas as histórias que são oriundas da cultura munduruku, são bem compreendidas pelas crianças. O exemplo disso, a própria história transcrita acima, para criança de outras culturas seria um pouco dificultoso entender, talvez por não reconhecer respectivos personagens, mas, para as crianças munduruku, fica mais adequado haja visto que conhecem muito bem personagens a quem o texto se refere.

Assim, isso é o papel fundamental da escola, trabalhar, áreas de aquisição de conhecimento ou de aprendizagem através de diversos gêneros, e um dos principais, nesse caso, trata-se de fábulas, porque, além de entreter pode ser utilizado como recurso para a leitura, reescrita, escrita, produção textual e treinamento para a aprendizagem de oralidade, de argumentação e conhecimento sobre valores, ética e moral.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou de forma sucinta abordar sobre as Fábulas Mundurukus, o que há algum tempo foi assunto sem valor, até para os próprios da cultura. Mas o despertar para esse tema vem aumentando devido à importância que esse tipo de gênero vem se resignificando para a área de aprendizagem escolar. Por isso, mesmo que seja de forma preliminar, este estudo foi muito interessante, uma vez que, reiterou que não só as culturas letradas possuem gênero fábula, mas, a cultura munduruku também tem seu acervo próprio.

Assim, é indissociável dentro do âmbito escolar munduruku, o gênero fábula não podendo ser considerado apenas um modelo “insignificante”, ao contrário, serve bastante para atividades escolares de diversas categorias, em considerando que as fábulas servem não só para contar histórias, mas acima de tudo, para ensinar sobre valores, morais, ética, paciência, virtudes, inteligência, enfim.

A fábula munduruku pode também apresentar diversos resultados na sala de aula. Através do reconto pode despertar curiosidade de crianças e por meio da reescrita, pode ser útil para produção textual. A sua leitura pode trazer o benefício do desenvolvimento do aluno poder se sobressair numa situação de timidez, isso inclusive, através de discussão e debate sobre um determinado tema da fábula, permitindo ensinar os alunos a serem críticos e cientes daquilo que pensam.

Quanto a isso, e não é exagero dizer que na cultura munduruku também há fábula tanto quanto na cultura ocidental ou da sociedade letrada. Embora apresentando alguns aspectos distintos, como o fato de não haver “moral da história” rotulada no texto, além de todas as fábulas munduruku são orais.

Diante de tudo que foi exposto, reflete-se que ao agora cabe professor ter a visão de saber que não a sociedade “branca” em termos gerais, possui fábulas, eles também, de fato possui o mesmo gênero, o que falta na verdade, depois que já foi explanado e explicitados pelos autores referidos nesta pesquisa, de que a cultura Munduruku também possui sua fábula e que apresentam o mesmo valor das demais, assim, então muito interessante ser trabalhado nas salas de aula munduruku.

REFERÊNCIA

- ARAÚJO, Maria Dalva Olegário. **Formando leitores a partir dos trabalhos com as fábulas**. Monografia de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares – Universidade Estadual de Paraíba, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Fábulas fabulosas: práticas de leitura e escrita**. Curitiba: Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2006.
- BARROS, Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto. **A Língua Portuguesa na Escola: Percurso e Perspectiva**. v. 6, n. 6. Jul/Dez de 2008.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. MEC, Brasília, 1996.
- BRASIL. Resolução nº 5 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. MEC, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRUNO, Ana Carla. **A repetição nas histórias indígenas Waimiri Atroari**. In: Tradições Orais de Línguas Indígenas. (Org.) Ferreira, Marília. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- CROFTS, Marjorie. **Aypa'üm'üm ekawën – Estórias Munduruku**. Summer Institute of Linguistics. v. 3, Brasília-DF, 1979.
- CROFTS, Marjorie. **Aypapa'üm'üm ekawën – lendas munduruku**. Summer Institute of Linguistics – vol. 1, Brasília-DF, 1977.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.
- FERREIRA, Wanderson Diego Gomes; ALVES, Maria Betania Ipolito, e; BORÁ, Zélia Monteiro. **A fábula como gênero literário em sala de aula**. In: Revista DESEMPENHO – Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada, 2014.
- JUNIOR, Paulo Roberto da Silva; MAHFOUD, Miguel; MIZIARA, Karina Braga. **Tradição e lendas na Comunidade de Rural de Morro Vermelho**. Universidade Federal de Minas Gerais. In: ANAIS III, SIPEQ & VEFAE, 2006.
- KEMPF, Frei Valter O, F. M. **A mitologia dos Mundurucus**. In: Revista Católica de Cultura, Vozes de Petrópolis. março – abril, 1945.
- LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. **Uso da fábula no Ensino Fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita**. In: CIPPUS – Revista de Iniciação do UNILASALLE – v.1, n.1, 2013.

MACHADO, Ana Queli Tormes; FRANZ Edineia. **Fábula: uma fonte de motivação para a produção de textual e leitura.** In: Revista do Curso de Letras, 2009.

MAIA, Zenaide. **O Ensino da Leitura a partir do Gênero Fábula.** 2008.

MARTINS, Cirlene da Aparecida dos S. Vargas. **As fábulas com gênero motivador da leitura e produção de textos nos anos iniciais da 2ª fase do Ensino Fundamental.** UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa – Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produções Didático-Pedagógicas, 2013.

MINSON, Rosilaine Silvia. **Fábulas: Um incentivo à leitura.** Os Desafios da Escola Pública paranaense na Perspectiva do Professor PDE – v.1, 2013.

MUNDURUKU, Honésio Dace. **Oratura Munduruku: A literatura oral, a herança e resistência cultural na Aldeia Praia do Mangue.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba – FAI, 2016.

NEVES, Aderci Teresinha; TIUMAN, Patrícia E. Bento. A leitura da fábula: uma estratégia para a leitura literária em sala de aula. In: **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense**, 2012.

PICANÇO, Gessiane Lobato. Kabadarebu Ekawên: Um mito da realidade. In: **Tradições Orais de Línguas Indígenas.** Og. Ferreira, Marília. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013

PINTO, Paulo Feitor. **Cultura oral: oratura ágrafas, geografia corporal e observação direta.** Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e dos trabalhos acadêmicos**/Cleber Prodanov; Ernani Cesar de Freitas. 2. ed. Novo Hamburgo: Frêevale, 2013.

SANTOS, Elma Jane das Virgens Silva. **Leitura de fábulas em sala de aula.** GRADUANDO, Feira de Santana, v.3, n.3, p. 13-23, jan/jun., 2012,

SEKI, Lucy. **Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI.** 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TOCANTINS, Antônio M. Gonçalves. **Estudos Sobre a Tribo “Munduruku” Memória escrita e lida perante o Instituto Histórico geográfico Brasileiro.** In: Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil, nº 9, Brasília – 1877.

YOKOMIZO, Viviane A. N. Vieira. **Fábula: proposta de trabalho em sala de aula.** PDE-UEL, 2008.

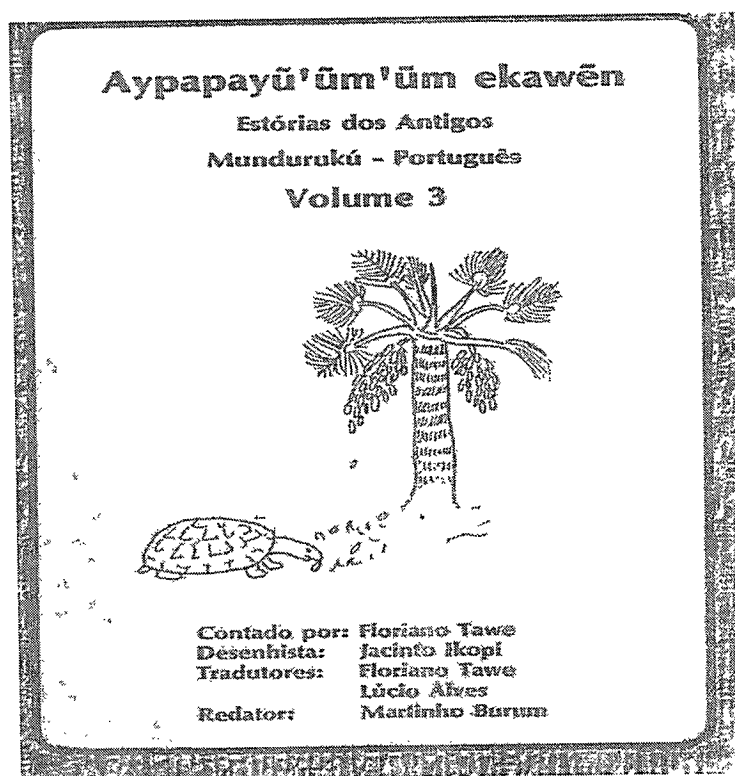
APENDICES/ANEXOS

ANEXOS

Anexo A – Livro de lendas Munduruku v. 1



Anexo B – Livro de lendas Munduruku, v.3.



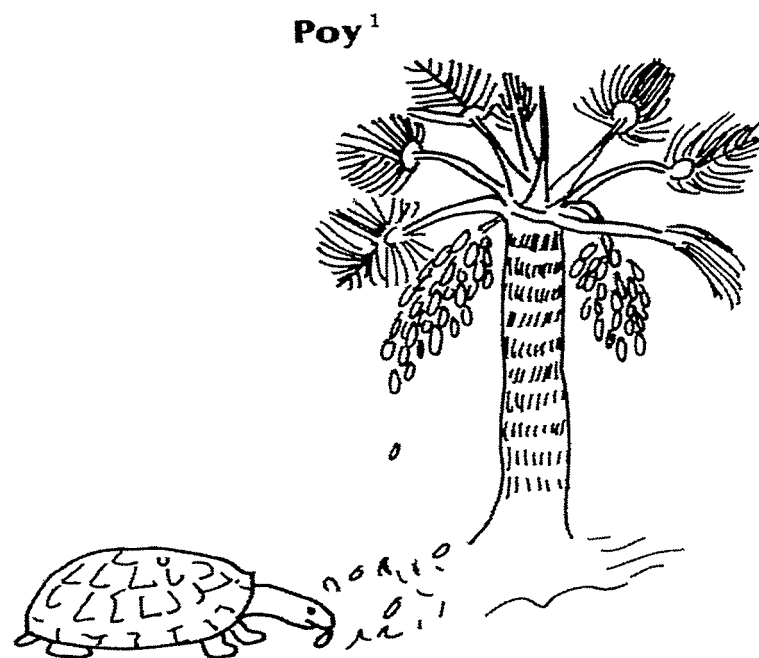
Anexo C – Professores munduruku/escola Borõ Muyatpu



Anexo D – Contadores de histórias Munduruku



Anexo E – Figura do livro de "Lendas Munduruku"



Poy bio xat'a o'ya'o'o io'e. Igudup tiotpe o'to-
buxik bio.

—En cit oxat'a o'om ijoce, io'e poy be.

O Jaboti

O jaboti comia comida da anta (fruta). A anta o achou em-
baixo do buritizeiro.

—É você que está comendo meu buriti aqui! disse ao jaboti.